

# Penamacor

## Último grande bastião militar da Beira-Baixa

É no século XVII, no contexto da Guerra da Restauração, que Penamacor readquire importância estratégica como praça de guerra. Por ordem de D. João IV (1640-1656) procedeu-se à modernização e reforço da sua obsoleta fortaleza, que fora intervencionada cerca de 160 anos antes, no reinado de D. Manuel, visando a sua adaptação aos avanços da artilharia entretanto ocorridos. Coube ao Governador de Armas da Beira, o Marquês de Castelo Melhor, efectuar a remodelação e reforço da cerca da vila, sendo construídos seis baluartes complementados por mais três meios-baluartes. Nenhuma outra Praça do sul da Beira foi modernizada, com esta dimensão, senão a de Penamacor.



Penamacor - Setembro de 1762



Projecto de Fortificação Vauban para Castelo Branco - Séc. XVII

Remonta à época da reconquista a consciência de serem os territórios encaixados entre as Serras da Gardunha, Moradal e Talhadas e os rios Erges e Tejo, ou seja, a actual região sul da Beira-Baixa, uma enorme fortaleza natural. Rodeada de elevações e cursos de água de difícil transposição, sofríveis acessos e vias de comunicação, aos quais se junta um clima extremo, onde o calor é atroz e as invernia agrestes, a maioria das tentativas para atingir Lisboa, seguindo a linha do Tejo a partir da Beira, foram sempre penosas e redundaram, não poucas vezes, em fracassos, que além de penosos, ditaram derrota ou a retirada dos exércitos que tentaram a sua entrada neste ponto do país.

As principais linhas fortificadas estiveram sempre, naturalmente, colocadas em posições próximas da fronteira com a Estremadura espanhola, em duas linhas bem definidas, mantendo na sua rectaguarda, em ponto mais interior, Castelo Branco, a capital administrativa da região. A necessidade de modernização das fortificações de fronteira em Portugal, após a sua última grande intervenção nos inícios do séc. XVI, surgiu logo na Guerra da Restauração, em 1640. O conflito, que se prolongaria até 13 de Fevereiro de 1668, encontrou um sistema defensivo obsoleto, em especial no interior do território que, integrado durante os 60 anos de União Ibérica, deixara de fazer sentido.

As políticas de defesa que foram adoptadas nos anos após a Restauração da Independência, privilegiaram novamente as Praças que se encontravam na primeira linha de fronteira e abaluartaram-se alguns dos antigos castelos ao longo da fronteira com Espanha. Foi, aliás, a política de defesa seguida durante os quase dois séculos de conflitos que se seguiram. Assim, na Beira Baixa, numa primeira linha, Penamacor, Penha Garcia, Salvaterra do Extremo, Segura, Zibreira e Rosmaninhal e, numa segunda linha, marcada pelo rio Ponsul, Monsanto, Idanha a Velha, Idanha a Nova e Castelo Branco, ganharam nova importância do ponto de vista militar e estratégico. Destas, Penha Garcia, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova e Castelo Branco, foram algumas das localidades cujos castelos acabaram por não sofrer adaptações de fundo perante as inovações bélicas da época. Salvaterra, Segura, Zibreira e Rosmaninhal, foram recondicionadas dentro das dimensões que permitiam as mesmas, sendo povoações isoladas e de população reduzida. Para Castelo Branco, ainda esteve projectado, no séc. XVII, um sistema de defesa abaluartado, do castelo e de toda a povoação, cujas dimensões teriam feito da obra uma fortificação de dimensões consideráveis. Contudo, foi abandonada esse projecto, passando a estar num plano mais relacionado com o apoio de rectaguarda e grande polo aglutinador do reabastecimento dos exércitos em trânsito e ponto de acantonamento e reagrupamento de tropas. Coube a Penamacor, dada a sua excelente situação geo-estratégica, receber a maior intervenção que lhe retomou a sua importância de principal Praça da Beira, a sul da Gardunha.

Analisada a inúmera bibliografia sobre os conflitos bélicos ocorridos na Península, entre meados do séc. XVII e primeira década do Séc. XIX, são inúmeras as referências à Praça de Penamacor como ponto estratégico fundamental na defesa da Beira, tendo mantido essa importância até final do período das Invasões Napoleónicas, assistindo-se, após o fim da Guerra Peninsular, a novo declínio do ponto de vista militar, culminando com a retirada da sua guarnição militar em 1834 e posterior desmantelamento de inúmeros elementos construtivos. Foi, sem dúvida, a mais importante e poderosa Praça de Armas da Beira Baixa, só se lhe aproximando a de Monsanto, devido à sua posição altaneira e de difícil acesso. O que hoje resta deste importante bastião é um importante manancial de estudo da História Militar da Beira-Baixa.